

# Afetos e sentidos no conto “11. September”, de Catalin Dorian Florescu

Dionei Mathias\*

Universidade Federal de Santa Maria  
Santa Maria, Brasil

Recebido em: 28/02/2019

Aceito em: 25/04/2019

**Resumo:** O conto “11. September” (‘11 de setembro’), do autor Catalin Dorian Florescu, trata do modo como os protagonistas, Max e Rosalie, processam suas percepções, criando uma rede de causas, a fim de tecer uma narrativa que produza sentido existencial. Nesse contexto, a produção de sentido está atrelada a uma configuração afetiva específica que precisa ser administrada pelos protagonistas. Diante da desestabilização das redes sociais, os protagonistas precisam estratégias para pensar e narrar suas identidades. Assim, após discutir a interseção teórica entre afetos e sentidos, o artigo passa a discutir a fragilização de sentidos no texto.

**Palavras-chave:** Catalin Dorian Florescu. 11. September. Afetividade. Sentido

**Abstract:** The short story “11. September”, written by Catalin Dorian Florescu, deals with the way the main characters, Max and Rosalie, process their perceptions, creating a net of causes, in order to weave and narrative that produces existential meaning. In this context, the production of meaning is connected to a specific affective configuration that has to be dealt with by the main characters. In face of the destabilization of their social networks, the characters need new strategies to think and narrate their identities. Thus, after discussing the theoretical intersection between affects and meaning, this articles discusses the fragilization of meaning in both characters.

**Keywords:** Catalin Dorian Florescu. 11. September. Affectivity. Meaning.

**Zusammenfassung:** In Catalin Dorian Florescu’s Kurzgeschichte „11. September“ geht es darum, wie die Hauptfiguren, Max aus der Schweiz und Rosalie aus Brasilien, ihre Wahrnehmungen verarbeiten, indem sie ein Kausalitätsnetz spinnen, um ein Narrativ herzustellen, das für sie existentiell sinnhaft ist. In diesem Kontext ist die Herstellung dieser Sinnhaftigkeit mit einer spezifischen affektiven Konfiguration verbunden, die von beiden Protagonisten durchgehend ausgehandelt werden muss. Angesichts der Destabilisierung ihrer sozialen Netze müssen beide Protagonisten neue Strategien ausarbeiten, mit denen sie ihre Identität und ihren Lebenssinn darstellen können. Nach einer kurzen Diskussion des Zusammenhangs zwischen Affektivität und Sinnhaftigkeit versucht dieser Aufsatz, die Labilität dieser Sinnhaftigkeit anhand beider Hauptfiguren darzustellen.

**Schlüsselwörter:** Catalin Dorian Florescu. 11. September. Affektivität. Sinnhaftigkeit.



## Introdução

Catalin Dorian Florescu nasceu em 1967, na Romênia. Após outras passagens pelo exterior, ele emigra definitivamente em 1982 para Suíça, onde vive e trabalha até hoje. Desde 2001, Florescu vem publicando romances em língua alemã, pelos quais tem recebido importantes prêmios literários, estabelecendo, assim, uma voz importante na literatura suíça contemporânea. Nisso, ele se junta a outras vozes oriundas na Romênia que vem enriquecendo a literatura de expressão alemã. Dentre eles, figuram autores que alcançaram o status canônico, tornando-se internacionalmente conhecidos, como Paul Celan, Rose Ausländer ou Herta Müller, e vozes com uma recepção mais limitada, como Oskar Pastior, Werner Söllner, Moses Rosenkranz ou Richard Wagner (KRAUSE, 2007, p. 185-188). Diferente de outros grupos pertencentes a fluxos migratórios, a minoria romena nos países de língua alemã, em grande parte, pertenceu a minorias alemãs na Romênia, trazendo consigo, portanto, uma bagagem cultural muito próxima dos países de acolhimento, o que faz Krause caracterizar esse *corpus* como a quinta literatura alemã, ao lado das literaturas da Suíça, Áustria, e das Alemanhas Ocidental e Oriental. Na discussão dos últimos anos, há tentativas de construir um discurso da literatura de expressão alemão no Leste Europeu, como propõe Haines (2008) ou Dobrevá (2011).

Florescu discute esse passado cultural, por exemplo, no romance *Jakob beschließt zu lieben* ('Jakob decide amar'), e também se posiciona quanto às formatações discursivas que definem pertencimentos, mas sua paleta temática é complexa e matizada, abrangendo vários outros interesses. Formado em Psicologia pela Universidade de Zurique, o autor parece ter um interesse especial pelas patologias anímicas e pelos modos como estas são processadas nas experiências pessoais. Esse interesse também tem um impacto naquilo que o autor expõe no universo diegético, tecendo um emaranhado acional, no qual os personagens são confrontados com constelações afetivas altamente conflituosas, diante das quais precisam se posicionar. As tessituras afetivas, portanto, parecem estar no centro da obra desse autor, o qual procura entender o modo como valores afetivos se

imbricam na visão de mundo e na organização de sentido dos diferentes atores sociais que interagem no universo ficcional de sua obra.

Todo processo de percepção passa de certo modo por um trabalho de interpretação da realidade, ao menos quando essa percepção se torna consciente. Para Scheve (2009, p. 120), toda novidade que logra enfeixar a atenção de um indivíduo passa por três momentos importantes na dinâmica de processamento: a análise da compatibilidade do conteúdo perceptivo com os objetivos dos sujeitos, a análise de sua habilidade de processamento desse conteúdo e a compatibilidade com as normas vigentes numa sociedade. Todos esses passos contribuem para uma triagem daquilo que realmente vai se tornar consciente e que, conseqüentemente, também pode ser integrado no conjunto de informações que vão formar o fundamento de acesso à realidade. Esse trabalho de interpretação ocorre de forma muito célere e vai alimentando o indivíduo com novas informações sobre o espaço que habita e sobre os interlocutores com os quais interage.

A partir dessa interpretação inicial, o conteúdo da percepção parece passar por um processo de condensação de sentido. Após passar por esse crivo interpretativo, o que ocorre quase inconscientemente, e após o indivíduo avaliar o grau de compatibilidade da novidade com seu universo pessoal, ignorando tudo aquilo que não é passível de ser integrado em sua existência, ele começa a concatenar informações, formando nexos causais. Essa tessitura de causalidade basicamente forma a base daquilo que vai representar a identidade do sujeito, pois se trata da matéria prima, com a qual consegue se conceber e se inserir nos processos de interação.

A percepção, portanto, parece desencadear processos de interpretação, os quais, por sua vez, geram sentidos que passam a fazer parte de uma rede de causalidades que o sujeito adota para a representação e a apropriação de realidade. Inerente a todos esses movimentos de constituição da visão de mundo e da fala individual, encontram-se as colorações afetivas. O trabalho de interpretação, ainda antes de produzir simbolizações conscientes que representam experiências, gera conteúdos afetivos, criando uma malha de sentido não simbolizada, mas que tem um impacto constante nos conteúdos, aos quais o sujeito atribui valor. É a carga

afetiva que cada novo conteúdo produz que vai definir como o indivíduo vai inserir essas novas informações em sua rede de causalidade pessoal.

No conto “11. September” (“11 de setembro”, sem tradução para o português), publicado numa coletânea com contribuições de vários autores com uma história de imigração, narra-se paralelamente o conflito de dois personagens, até o momento em que suas histórias pessoais alcançam um ponto de confluência. Esse encontro de destinos, de certo modo, dá-se na data de 11 de setembro. O conto começa com a exposição do conflito de Max Birner, suíço, com sérios problemas familiares. Na sequência, o leitor é confrontado com a perspectiva Rosalie de Lourdes Nunes Santos, brasileira e imigrante na Suíça, que se separa do marido suíço. Em ambos os casos, surgem atmosferas afetivas que revelam o modo como o sentido é formado e, neste caso, sobretudo fragilizado, diante de acontecimentos que exigem uma revisão radical da tessitura de causalidade tecida pelos protagonistas. Ao contrário dos outros textos ficcionais do autor, que muitas vezes têm a Romênia ou imigrantes romenos como foco (GLAVAN, 2016, p. 107), esse conto se afasta dessa temática, procurando muito mais entender o papel dos afetos. Nesse sentido, este artigo pretende discutir como cada um dos personagens administra essa configuração, com foco respectivamente no nexos entre afetividade e sentido.

### **Família e expectativas**

Um dos protagonistas que compõem a realidade diegética do conto é Max Birner, suíço de meia idade, cuja família passa por uma profunda crise de identidade após o acidente do irmão, o qual passa a ficar preso na cama, dependente da ajuda dos pais. Para Max, o irmão representa um grande modelo de vida, até o momento em que esse perde sua autonomia, forçando a família a rever suas formas de interação. O acidente e as consequências trazem consigo uma série de revisões também na forma de concatenar as informações que formam a base da rede de sentidos, desestabilizando a malha afetiva.

Assim transcorriam os dias de Max Birner, entre medo e menos medo, entre o banheiro e o resto do apartamento, entre calar e ligações ocasionais para casa. Não era mais o antigo Max, era um monte de pessoa, sem sorriso, sem orientação, sem controle sobre o seu estado. Max Birner estava desesperado (FLORESCU, 2003, p. 94)<sup>1</sup>.

Max já encontrava dificuldades para construir uma malha teleológica antes do acidente do irmão, mas esse evento o confronta com um trabalho de interpretação de realidade que enfraquece sua rede de causalidades, fragilizando sua atitude na interação com outros atores sociais. O acontecimento esvazia sua capacidade de enxergar uma realidade que lhe prometa a recompensa do prazer, isto é, imaginações de futuro que contenham configurações narrativas imbuídas de sentido. No lugar dessa imaginação ou mesmo de ações que objetivem concretizar esses planos, Max permanece confinado no espaço de casa, tomado por um estado afetivo que o paralisa. Com efeito, o medo prevalece em grande parte do conto, produzindo um comportamento acional marcado pela hesitação e pela incapacidade de tomar uma iniciativa, de modo a alterar a apatia que caracteriza esse momento da sua experiência existencial. A imagem “um monte de pessoa” indica esse estado amorfo, por meio do qual o protagonista expõe sua sensação de incapacidade de se vislumbrar como ator social ativo, o qual define a sequência daquilo que vai ocorrer no seu planejamento de vida. Grande parte dessa fragilização do sentido decorre do seu trabalho de interpretação dos acontecimentos. Isto é, como produtor de sentidos, Max não consegue mobilizar suas habilidades de interpretação de modo a obter uma interpretação de realidade que produza afetos positivos e, com isso, malhas sólidas de sentido.

O contexto familiar, o qual poderia servir como base para amenizar o vácuo de sentido causado pelo acidente do irmão na vida de todos os membros da família, na verdade se revela como problemático. Isto é, há uma intensificação dos conflitos, com potencial de ruptura, diante de uma configuração de sentidos que foge completamente do controle de todos.

---

<sup>1</sup>“So verliefen die Tage Max Birners zwischen Angst und weniger Angst, zwischen dem Badezimmer und der übrigen Wohnung, zwischen Schweigen und gelegentlichen Anrufen zu Hause. Er war nicht mehr der alte Max, er war ein Klumpen Mensch ohne Lachen, ohne Orientierung, ohne Kontrolle über seinen Zustand. Max Birnerwarverzweifelt“ (FLORESCU, 2003, p. 94). Onde não indicado de outra forma, as traduções são do autor deste artigo.

No dia 9 de setembro, no entanto, Max não subiu para o quarto do seu irmão. Na mesa havia o cheiro conhecido, mas o desconhecido há muito se esgueirou para dentro. O desconhecido estava na voz quebrada do pai. No seu olhar sem brilho, quando antigamente era gelado em qualquer discussão. No seu corpo magro e curvado, na sua pele pálida e doente, nos seus cabelos brancos que ele, como também a mãe, passaram a ter no virar de uma noite (FLORESCU, 2003, p. 112)<sup>2</sup>.

Não raramente o capital social tem um papel fundamental em momentos de fragilização social, não somente por conta do eventual apoio financeiro, mas sobretudo por causa do empenho afetivo que é canalizado em prol do membro fragilizado, a fim de assegurar que volte a produzir sentidos de forma autônoma. No caso de Max, a situação se revela ainda mais complicada, pois não somente ele, também os pais se encontram num vácuo teleológico que os impede de reaver uma visão de futuro promissora. Desse modo, o apoio necessitado por Max é igualmente importante para os pais. Contudo, no lugar de uma aproximação pautada pelo desejo de proteger e fortalecer o outro, há um movimento contrário que passa pela intensificação da hostilidade entre os membros familiares, uma vez que procuram culpados para os acontecimentos.

A passagem citada mostra o início de um processo de percepção, no qual o protagonista começa a interpretar a realidade e a simbolizá-la conscientemente. O conteúdo daquilo que tenta apreender está relacionado com a atmosfera afetiva que passa a pairar no seio familiar. Nesse primeiro momento, o protagonista ainda não consegue denominar a novidade, ele a apreende através da linguagem corporal dos atores sociais, com os quais interage. Essa linguagem do corpo passa por um processo de decodificação por parte de Max, no qual ele interpreta o que a atitude dos corpos de seus pais significam para o contexto em que se encontram. A rede de causalidade estabelecida por ele sugere a mudança ocorrida no modo como eles organizam sua atitude existencial, resultando numa imagem de corpo que perdeu

---

<sup>2</sup> “Am 9. September aber ging Max nicht hinauf zu seinem Bruder. Am Tisch roch es vertraut, aber das Unvertraute hatte sich längst eingeschlichen. Das Unvertraute war in der gebrochenen Stimme des Vaters. In seinem matten Blick, während er früher bei jeder Auseinandersetzung eisig war. In seinem mageren, eingefallenen Körper, seiner blassen, kranken Haut, seinen weißen Haaren, die er, wie die Mutter, über Nacht bekommen hatte“ (FLORESCU, 2003, p. 112).

sua vitalidade. Essa ausência de um enfeixamento da energia do corpo em direção a objetivos concretos revela como o sentido existencial deixa de disciplinar o corpo, produzindo um esvaimento dessa energia. Essa energia corporal, anteriormente investida na concatenação de causas e na produção de sentidos, acaba sendo canalizada em agressividade, com foco nos filhos:

Contudo, o velho homem estava procurando por isso. O velho homem quisera assim. Pois isso não se diz sobre seus filho, provavelmente isso nem se pode pensar. Muito pior que aquilo que o pai dissera era aquilo que ele não dissera. Seu irmão e ele, dois perdedores. E isso que eles saíram de casa para lutar contra todos os demônios do mundo. E isso não foi pouco. Talvez até um pouco demais (FLORESCU, 2003, p. 116)<sup>3</sup>.

A passagem citada segue a exposição de uma alteração entre pai e filho, a qual desemboca no uso de violência pelo filho. Grande parte do diálogo representa um acerto de contas, no qual o pai confronta o filho com as expectativas do passado e o real resultado daquilo que ele e seu irmão alcançaram com o comportamento de rebeldia e desobediência em relação àquilo que o pai previa para eles. Essa situação se agrava diante da repentina dependência do irmão mais velho e da incapacidade de Max de concretizar uma existência nos moldes das narrativas de êxito e autodeterminação. Até aquele momento, os filhos adultos permaneciam longe do círculo de influência direta do pai. Com a incapacitação do filho, os dois irmãos voltam à esfera da casa familiar, circulando, portanto, num espaço que propicia a negociação das narrativas que norteiam suas existências.

O confronto surge justamente diante de negação de respeito pela narrativa de identidade e pelos projetos existenciais dos filhos. Isto é, todas as ações e modo como os filhos concatenam causas não inspira a simpatia do pai. Pelo contrário, há uma clara atitude de desprezo por aquilo que os filhos alcançaram. Por trás dessa configuração afetiva paterna, encontra-se igualmente um trabalho de

---

<sup>3</sup>“Aber der alte Mann hatte es herausgefordert. Der alte Mann hatte es so gewollt. Denn so etwas darf man über seine Söhne nicht sagen, wahrscheinlich nicht einmal denken darf man so etwas. Wobei viel schlimmer als das, was der Vater gesagt hatte, war, was er nicht gesagt hatte. Sein Bruder und er, zwei Versager. Und dabei waren sie doch aufgebrochen, um gegen alle Dämonen der Welt zu kämpfen. Und das war nicht wenig. Vielleicht sogar ein bißchen zu viel“ (FLORESCU, 2003, p. 116).

interpretação de realidade, a qual não consegue depreender sentido substancial das ações empreendidas pelos representantes da próxima geração. Com efeito, o resultado da interpretação resulta numa configuração afetiva que já não consegue mais experimentar respeito, simpatia, reconhecimento ou desejo de proximidade com a finalidade de manutenção do relacionamento. Há, sim, um convívio, trata-se, porém, de uma convenção social de certo modo imposta, não de uma resposta natural às narrativas que representam os filhos.

A reação de Max diante dos questionamentos e da negação de reconhecimento paternos é de incompreensão. Para ele, os esforços empreendidos por ele e seu irmão demandaram grandes investimentos de energia, cujas finalidades parecem continuar a fazer sentido em sua visão de mundo. Por conta disso, o atributo de “perdedor” lhe é especialmente doloroso, já que a interpretação que decorre de sua percepção não permite essa concatenação causal. Nesse cenário, o confronto entre pai e filho é um confronto entre interpretações, portanto também, entre diferentes formas de obter sentido e de trabalhar por sua manutenção por meio das ações que marcam o cotidiano.

A agressividade que desponta nas interações entre esses dois atores sociais é fruto de um ímpeto quase visceral de manter a configuração teleológica estabelecida por cada um deles. Desse modo, o filho se justifica seu próprio comportamento, embora o esforço de legitimar sua agressividade indica que ele mesmo não está convencido de que sua atitude foi correta. Independentemente da legitimidade, essa negociação com a figura paterna só contribui para fragilizar ainda mais suas certezas, intensificando a sensação de paralisação e incapacidade de reagir diante das dificuldades de integração de determinados excertos de realidade em sua narrativa pessoal de identidade. Sem o apoio familiar, Max precisa pensar em estratégias próprias para dar conta da vacuidade de sentido existencial.

### **Imigração e solidão**

A segunda protagonista desse conto é uma imigrante brasileira, que mora no apartamento abaixo da moradia de Max. Os pontos de interseção com a vida do



suíço ocorrem por meio do barulho produzido por ele, sem que haja um contato direto com o vizinho. Sua primeira interação face a face se dá ao final do enredo, na data que serve de título do conto. Como Max, Rosalie também passa por uma fase da vida, na qual enfrenta uma grande desestabilização das estruturas sociais, produzindo uma fragilização das malhas de sentido e de afetos. Após deixar família e amigos no Brasil, para viver com o namorado em Zurique, Rosalie passa por uma separação, antecedida por experiências de traição. Sozinha, aos quarenta e poucos anos, ela procura reaver um norte para seguir sua narrativa pessoal. Nisso, ela reflete sobre as diferentes interpretações da solidão na configuração cultural de gêneros, chegando à conclusão que a solidão masculina tende a ser vista como potencial e ponto de partida para a busca de novos parceiros, enquanto a solidão feminina muitas vezes é vista como abandono, digno de pena, mas não interesse. Diante dessa interpretação de realidade, Rosalie se decide a enfrentar a estigmatização e se apropriar da realidade de forma autônoma:

Rosalie sabia disso enquanto se maquiava para a grande apresentação, que tão grande assim não era, ainda menor por ninguém esperar por ela, ninguém nessa cidade grande, horrenda, vazia. Por mais que ela estivesse explodindo de vitalidade, por mais que na última década Zurique se tivesse desenvolvido de uma cidade que estimula a ânsia de vômito em uma cidade com graça, tanto mais vazia ela lhe parecia. E cada uma de suas saídas tão sem sentido. Mas ela se forçava a isso, com o desespero de um naufrago que quer ficar na superfície. E com todos os truques da mulher (FLORESCU, 2003, p. 95)<sup>4</sup>.

Ao contrário de Max, que permanece paralisado ao ser confrontado com a desestabilização de sua existência, Rosalie reage rapidamente, mobilizando estratégias que a ajudem a reaver o sentido. Isso não significa que ela tenha mais êxito que ele nessa busca, mas essa mobilização de energias afetivas para reestruturar sua narrativa pessoal tem um grande impacto, uma vez que acelera a

---

<sup>4</sup>Das wußte Rosalie, während sie sich schmickte für den großen Auftritt, der so groß nicht war, um so weniger, als niemand auf sie wartete, niemand in dieser großen, gräßlich leeren Stadt. Denn so sehr sie vor Leben barst, so sehr sich Zürich im letzten Jahrzehnt von einer Stadt, die nur den Brechreiz stimulierte, in eine Stadt mit Reiz entwickelt hatte, so leer erschien sie ihr. Und jeder ihrer Ausgänge so sinnlos. Aber sie zwang sich dazu mit der Verzweiflung des Schiffbrüchigen, der an der Oberfläche bleiben will. Und mit aller List der Frau“ (FLORESCU, 2003, p. 95).

alteração de um estado de incerteza, marcado pela ausência de um norte teleológico suficientemente claro.

Como no caso de Max, cuja percepção da casa sofre uma mudança após o acidente do irmão, também Rosalie enxerga o espaço na cidade de Zurique a partir de uma determinada condição afetiva. No lugar do deslumbramento pela cidade europeia, por sua riqueza e seu luxo, há um desencantamento. Esse talvez seja fruto do tempo de permanência – Rosalie não acabou de desembarcar do avião – o que lhe permite um certo discernimento, mas também é resultado da condição afetiva na qual se encontra. Essa, até certo ponto, contribui para a interpretação que a protagonista faz da percepção do espaço que a circunda. No lugar de vislumbrar um espaço que propicia a ação e permite a interação com outros atores sociais, ela apreende um espaço demasiado grande e vazio, portanto, impassível de ser apropriado pelo sujeito. Essa ausência de controle sobre as coordenadas de circulação indica a desaceleração da máquina de produção de sentido, aumentando a dimensão da cidade e esvaziando a oferta de sentidos, na percepção da protagonista.

Como Max, Rosalie também vai à procura de interlocutores. Como sua família está distante, ela se força a sair para reconstruir sua malha social e assim aumentar um capital essencial para a estabilidade afetiva. A perspectiva, contudo, de fortalecer a rede social lhe parece mínima, uma vez que não tem contatos sociais aos quais pudesse recorrer. À ausência de perspectiva junta-se um corpo que se rebela contra esse vazio. O fato de precisar se forçar indica que o corpo não está disposto a seguir as ordens conscientemente tomadas. Nesse contexto, parece que o sentido precisa ser restituído primeiramente a uma esfera corporal inconsciente que, uma vez firmemente estabelecido, impulsiona o sujeito naturalmente a interagir de modo a garantir a manutenção da produção de sentidos. Justamente o oposto acontece com Rosalie, cujo corpo se esquia das expectativas conscientes da protagonista, exigindo uma mobilização maior de energia, a fim de criar um contexto social que permita reatar a narrativa social.

A imagem do naufrago indica a intensidade com a qual Rosalie persegue seu objetivo de reatar e reconstruir uma malha social que lhe permite ter uma base

afetiva satisfatória. Ao falar de “truques”, ela revela que domina as convenções sociais que propiciam o desencadeamento de interações sociais, detendo, portanto, um conhecimento social essencial. Ao contrário de Max que se esquivava cada vez mais do encontro social, Rosalie empreende esforços para não cair num vácuo definitivo, mesmo quando consciente de sua futilidade:

Ela se entretinha com uma conhecida por cuja presença estava grata. Elas não conversavam para saber de algo, mas sim para amenizar a *situação*. Enquanto havia novos temas, inclusive fofoca, parecia um sábado à noite normal na companhia de uma amiga. Duas mulheres que deixaram seus maridos ou namorados em casa para estar entre mulheres. Enquanto elas se mostravam interessadas uma pela outra, sem estar nem um pouco, o apartamento vazio, que esperava pela gente como um monstro para engoli-las, estava esquecido (FLORESCU, 2003, p. 103, destaque no original)<sup>5</sup>.

O encontro com a amiga surge por acaso. Na verdade, Rosalie queria sair de casa para encontrar pessoas, com o objetivo de construir relacionamentos satisfatórios. A conversa com a conhecida, no entanto, se revela tão desprovida de sentido como a própria permanência em casa. Com isso, a interação e a troca de palavras não têm o objetivo real de construir novos sentidos, mas sim de preencher o vazio que ronda sua existência, não muito diferente daquilo que Vladimir e Estragon fazem enquanto esperam Godot. Enquanto a peça de Beckett está permeada de elementos cômicos, no conto de Florescu predomina o tom trágico da consciência sobre a vida fracassada, ao menos de acordos com as narrativas de êxito. Rosalie ainda interpreta sua condição como “situação”, portanto, como algo passageiro.

O modo como a protagonista e a interlocutora refletem sobre as implicações que suas presenças têm naquele lugar, no sábado à noite, indica como o processo de socialização e a cultura local têm um impacto nas narrativas que

---

<sup>5</sup>Sie unterhielt sich mit einer Bekannten, für deren Anwesenheit sie dankbar war. Sie redeten beide nicht, um etwas zu erfahren, sondern um den *Zustand* abzumildern. Solange es neue Themen gab, auch Tratsch, sah es nach einem gewöhnlichen Samstagabend aus in Begleitung einer Freundin. Zwei Frauen, die ihre Ehemänner oder Freunde zu Hause gelassen hatten, um unter Frauen zu sein. Solange sie sich füreinander interessiert zeigten, ohne es im geringsten zu sein, war die leere Wohnung zu Hause vergessen, die auf einen wartete wie ein riesiges Ungeheuer, um sie zu verschlucken (FLORESCU, 2003, p. 103).

legitimam a produção de sentido. Por mais que o indivíduo também seja responsável pela organização da rede causal que gera o sentido, a cultura que serve de crivo para o acesso à realidade pré-dispõe o modo como cada sujeito pode interpretar a realidade e produzir causas aceitáveis. Nesse cenário, a interação de Rosalie com a conhecida só não desperta compaixão e, com isso, certa fragilização da malha de sentido, se ela puder ser enquadrada dentro dos moldes daquilo que aquele espaço social previr como interações aceitáveis. Essa submissão à lei da expectativa social somente se afina diante do medo maior do vazio que se concretiza no espaço do apartamento. Com isso, a interação não chega a produzir sentido, ela representa uma fuga da ausência completa desse sentido.

### **Considerações finais**

O conto faz parte de uma coletânea de textos escritos por autores que têm algum vínculo com a experiência de imigração, como é o caso do próprio Florescu. Embora a voz narrativa do conto aborde, em alguns momentos, o contexto de imigração da personagem brasileira, essa não parece ser a preocupação central que enfeixa as ações da realidade diegética. No lugar do foco na diferença e no movimento de estrangeirização, há um esforço de mostrar uma experiência comum, que independe do pertencimento ao grupo hegemônico ou minoritário. Nesse sentido, não é realmente central fazer essa diferenciação entre os dois personagens, pois o conteúdo daquilo que experimentam é muito similar, mesmo sendo de continentes e etnias diferentes.

Tanto Max como Rosalie precisam desenvolver estratégias para processar uma série de experiências novas. Em ambos os casos, o conjunto de novidades desencadeia percepções interpretadas de modo a ainda não serem enquadradas numa narrativa causal que permite produzir sentidos satisfatórios. O conto termina com a primeira interação dos dois personagens. Rosalie bate à porta de Max no dia 11 de setembro. A data, portanto, pelo lugar simbólico que ocupa, parece indicar uma nova fase no modo como os dois organizam sua interpretação de realidade. O encontro, embora não explicito, pode representar o primeiro passo

para a alteração no modo como cada um deles interpreta a realidade e concatena as causas, obtendo sentidos mais sólidos para a própria configuração teleológica.

### Referências

DOBREVA, Boryana. *Subjectivity Regained? German-language Writing from Eastern Europe and the Balkans through an East-West Gaze*. Tese de doutorado. Universidade de Pittsburgh, EUA, 2011.

FLORESCU, Catalin Dorian. "11. September". In: LJUBIC, Nicol et alia (ed.). *Feuer, Lebenslust! Erzählungen deutscher Einwanderer*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 90-121.

GLĂVAN, Gabriela. "FictionsofDisplacement: Cătălin Dorian Florescuand Herta Müller". In: *AnaleleUniversității de Vest din Timișoara.Seriaștiințefilologice*, 54, 2016, p.107-113.

HAINES, Brigid. "The Eastern Turn in Contemporary German, Swiss and Austrian Literature". In: *Debatte*,16, 2008, p. 135-49.

KRAUSE, Thomas. "Literatur der deutschsprachigen Minderheit Rumäniens". In: CHIPELLINO, Carmine (ed.). *Interkulturelle Literatur in Deutschland. Ein Handbuch*. Stuttgart: Metzler Verlag, 2007, p. 177-188.

SCHEVE, Christian von. *Emotionen und soziale Strukturen*. Frankfurt am Main/New York: Campus Verlag, 2009.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo (Alemanha) e Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria.